

Abelhas de orquídeas como modelos para estudo de conectividade funcional em áreas fragmentadas

Mariléa Gonçalves Ribeiro¹, Willian Moura de Aguiar², Isaura Gabriela Mendonça Borges³

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Universidade Estadual de Feira de Santana, Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas, *lea-grmil@hotmail.com

2. Orientador, Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Exatas

3. Participante do Projeto "Conservação de polinizadores autóctones da APA do Pratigi- Baixo Sul da Bahia: Abelhas de orquídeas como foco." Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Modelagem em Ciências da Terra

Palavras Chave: Abelhas Euglossinas, Biodiversidade, Mata Atlântica,

Introdução

A Mata Atlântica brasileira estendia-se ao longo de toda a faixa litorânea. Contudo, com a ocupação irrestrita do seu território, houve um intenso processo de devastação, levando à formação de fragmentos, muitos sob a tutela das unidades de conservação, cuja função consiste na manutenção da qualidade ambiental. Para tanto, a formação de ligações entre os diferentes fragmentos é essencial para permanência da diversidade biológica. Assim, o presente trabalho pretendeu verificar a aplicabilidade das abelhas Euglossinas para avaliação da conectividade funcional de áreas fragmentadas, a partir do levantamento de abundância e riqueza dessas abelhas em fragmentos florestais nos limites da Área de Proteção Ambiental, APA do Pratigi, Baixo Sul da Bahia. A utilização dessas abelhas se justifica pelo papel que elas desempenham junto a várias famílias botânicas, atuando como expressivos polinizadores.

Resultados e Discussão

Para a avaliação de conectividade funcional, 55 abelhas foram coletadas com rede entomológica e marcadas com caneta de tinta atóxica, sendo que uma abelha foi recapturada a 2,6 Km de distância do seu local inicial de coleta. Para o levantamento da riqueza e abundância, foram realizadas coletas com armadilhas odoríferas, que permitiram capturar 139 abelhas Euglossinas, conforme a tabela 1.

Tabela 1. Número de machos de Euglossina coletados através de armadilhas aromáticas em três fragmentos de Mata Atlântica da APA do Pratigi.

Espécies	Fragmento I	Fragmento II	Fragmento III	Total
<i>Euglossa cordata</i> (Linnaeus, 1758)	11	31	31	73
<i>Eg. despecta</i> Moure, 1968	-	1	-	1
<i>Eg. ignita</i> Smith 1874	2	-	4	6
<i>Eg. liopoda</i> Dressler, 1982	1	1	1	3
<i>Eg. viridis</i> (Perty, 1833)	-	-	3	3
<i>Eg. securigera</i> Dressler, 1982	-	1	3	4
<i>Eulaema atleticana</i> Nemésio, 2009	4	15	6	25
<i>El. nigrita</i> Lepeletier, 1841	3	5	9	17
<i>El. niveofasciata</i> (Friese, 1899)	-	4	3	7
Total	21	58	60	139

A análise estatística revelou similaridade entre os índices de riqueza (Fig.1) e abundância (Fig.2) entre os fragmentos, provavelmente devido à sazonalidade das espécies de Euglossina (AGUIAR et al., 2014).

Figura 1. Curva de rarefação (1000 simulações), em função da abundância, para determinação da riqueza de espécies de Euglossina, em três remanescentes de Mata Atlântica, da região Sul da Bahia.

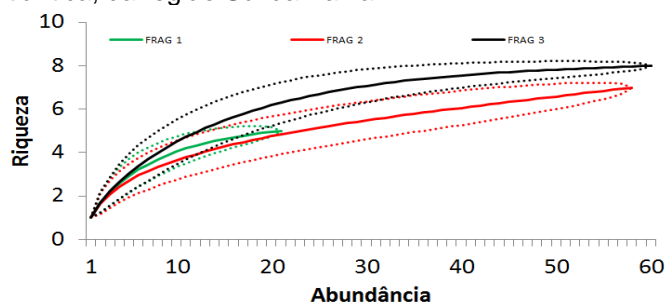
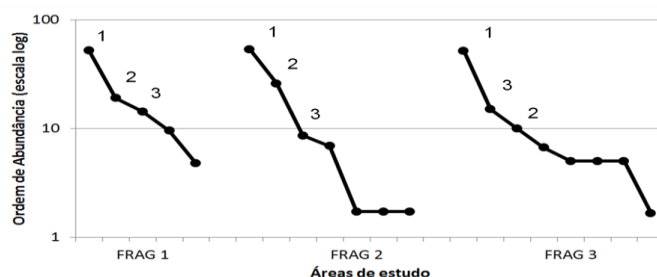


Figura 2. Ordem de abundância da comunidade de abelhas Euglossinas em três fragmentos de Mata Atlântica, da APA do Pratigi, Baixo Sul da Bahia. 1- *Euglossa cordata* (Linnaeus); 2- *Eulaema atleticana* Nemésio; 3- *Eulaema nigrita* Lepeletier.



Conclusões

O estudo demonstrou que as abelhas Euglossinas, em particular a espécie *Euglossa cordata*, conseguem transpor áreas abertas, revelando a relação existente entre os fragmentos, condição imprescindível para ampliar a oferta de espaço, recursos e troca gênica, fatores que minimizam as chances de extinção da biodiversidade.

Agradecimentos

Agradeço à UEFS, pela concessão da bolsa de estudos, bem como à OCT (Organização de Conservação da Terra), pela infraestrutura para a realização das atividades de campo.

AGUIAR, W.M.; MELO, G.; GAGLIANONE, M.C. Does forest physiognomy affect the structure of orchid bee (Hymenoptera, Apidae, Euglossini) communities? A study in the Atlantic Forest of Rio de Janeiro state, Brazil. *Sociobiology*, v. 61, n. 1, p.68-77, 2014